

CAPITULO I

A PSYCHOLOGIA DA INFANCIA

A extensão da psychologia da infancia. Conceito de infancia: função da infancia; velhas e novas theorias; o nucleo primario da criança; egocentrismo e exocentrismo na infancia. Os methodos de investigação da psychologia da infancia: considerações geraes; os methodos de observação — as observações occasionaes, as informações prestadas pelas mães, os diarios da vida infantil, as memorias da infancia. O methodo de interpretação psychologica. Os methodos experimentaes — os testes e a psychologia profunda; o methodo dos inqueritos. Referencias bibliographicas. Resumo. Vocabulario.

A extensão da psychologia da infancia

Muito tempo foi necessario para que a criança se constituísse objecto de estudo especial. A principio estudada por Montaigne e por Locke afim de illustrar as suas especulações philosophicas, a criança começou a interessar como dominio propriamente scientifico depois que os evolucionistas adoptaram os methodos das sciencias naturaes como instrumento de investigação da sua physiologia e psychologia.

Hoje, graças á technica experimental, a psychologia da criança é um corpo de conhecimentos scientificos indispensavel a todo aquelle que se preocupa com os problemas de educação e de rendimento social. Sob a denominação geral de Psychologia Infantil se acham englobadas as psychologias de cada uma das phases da vida da criança: psychologia do recém-nascido, da primeira infancia, da idade escolar até os prodromos da puberdade.

Já não é possivel partir-se do conhecimento da psychologia do adulto para, por simples deducção, attingir-se á estrutura do psychismo infantil. A criança possui caracteres especificos que a tornam objecto de estudo autonomo, por isso que esse momento da evolução do homem é um periodo typico, com uma physionomia propria e uma direcção de conducta que se distancia do ponto de vista do adulto actual e sob varios aspectos confina com o primitivo.

No presente livro estudamos a criança desde as primeiras manifestações da sua vida psychica, durante a sua marcha evolutiva até os primeiros indicios da puberdade, com a sua integração no agrupamento social.

Conceito de infancia: função da infancia.

A infancia é o periodo da vida que se estende do nascimento á puberdade e que se caracteriza pela plasticidade organica e mental. Com a expressão plasticidade queremos salientar o poder de modificar-se o sêr, dentro dos limites fixados pela herança e das condições supervenientes de meio e de educação.

Entre todos os animaes o homem é o que possui a mais larga infancia. Ha uma correspondencia evidente entre a duração da infancia numa especie e as suas possibilidades de desenvolvimento e de adaptação: "quanto mais extensa for a infancia de uma especie animal — affirma Kirkpatrick (1) — tanto maiores serão sua capacidade e intelligencia". Do ponto de vista das possibilidades de vida autonoma, a criança se acha em condições inferiores aos demais sêres. Emquanto nos niveis mais baixos da escala zoologica os animaes se encontram quase perfeitamente aptos a promover por si os meios de subsistencia e de defesa, a criança permanece durante longos annos incapaz de accommodar-se á multiplicidade das situações exteriores. Em compensação aquelles animaes continuam a viver como *machinas automaticas*, limitados apenas ao numero de reacções estrictamente indispensaveis á conservação da sua existencia rudimentar, ao passo que a criança possui uma extraordinaria capacidade de aprender, graças a obscuros processos de evolução, orientada para uma perfeita adaptação ás mais variadas situações do meio physico e social. Attinge a criança a um nivel intellectual e moral que é a característica da especie humana.

Kirkpatrick, procurando explicar a diversidade de desenvolvimento entre os animaes, diz que a natureza cria os sêres inferiores já aptos a realizar os actos necessarios a sua propria conservação e ajustados ao meio quase immutavel em que vivem, emquanto que vivendo os sêres superiores em meios mais complexos, precisam ter uma maior capacidade de reacção ás variaveis e por vezes imprevistas situações exteriores. Dahi nascerem estes incompletos e plasticos. Esta plasticidade permite transformações successivas de maior ou menor

amplitude segundo condições varias, de ordem interna e externa. A infancia é, então, “o periodo de desenvolvimento dos poderes nativos do individuo e de aprendizado que o torne apto a viver no meio em que se encontra” (Kirkpatrick).

Velhas e novas theorias.

Dentro de cada systema social em que são dominantes certas maneiras usuas de pensar e de agir existem individuos que permanecem inadaptados, irreductiveis aos processos geraes de comprehensão e de communicação — são as crianças e os alienados. Encontram-se elles fóra da ordem social em qualquer nivel de civilização da communitate — o que vem infirmar a noção de que nos agrupamentos primitivos a criança e o adulto estariam na mesma condição de identidade.

Essa concepção do valor substantivo da criança, isto é, suas maneiras proprias de reagir, de imaginar e de explicar vão sendo admittidas pelos psychologos e educadores de todos os paizes. Mas nem sempre foi attribuida á criança essa autonomia e essa physionomia especial. A velha pedagogia era impregnada da concepção de que a criança possuia qualitativamente os mesmos caractéres do adulto contemporaneo. Em cada uma das phases da vida apenas havia a considerar uma differença em grau ou em quantidade. Era a concepção que situava a criança na posição de um homem reduzido — ou de um *homunculo*, se quizermos empregar o termo commum. “Resultava dahi que os antigos se preocupavam menos em conhecer a criança do que em formular regras de educação ” (Vermeulen, 2). Como exemplo salientaremos Fenelon, Comenius, Pestalozzi, etc. Essa attitude nada tinha de illogica do seu ponto de vista, porque a natureza da criança — o conteúdo e as operações de seu psychismo — todas as particularidades de sua conducta eram tidas “como falhas que deviam desapparecer o mais cêdo possivel para que ella attingisse á categoria do adulto ” (Vermeulen).

Graças a Rousseau novo sentido tomaram os educadores e todos aquelles que tinham a seu cargo criar e instruir cri-

anças. A phrase universalmente conhecida: “não conhecemos as crianças” — foi uma especie de grito de alarme que estimulou a todos a uma observação mais impessoal e mais justa da infancia. Embora o autor do *Emílio* procurasse sobretudo illustrar a côres vivas o seu extremado individualismo — devemos reconhecer que parte d'elle todo o movimento de estudo da criança. Como todo movimento, o que se instituiu em torno da criança levou ao exaggero de considerá-la um sêr psychico aparte, com uma mentalidade *sui generis*. Passaram, então, os mestres a modificar os seus meios de acção, de forma a melhor corresponderem ás características especiaes de cada individuo. Dessa concepção decorreu toda a renovação educacional de nossos dias.

Collocando-se em meio termo, modernos psychologos estabelecem a theoria evolutiva da criança. “Ella não é absolutamente uma redução do homem, mas não é estrictamente um sêr aparte e estrictamente distincto do adulto de amanhã. E’ preferivel considerá-la como um sêr em *devenir*, isto é, encará-la não sob o ponto de vista estatico, num momento de sua evolução psychica, mas em seu longo desenvolvimento para a maturidade psychica do adulto. Desde o inicio desta evolução nota-se em todas as suas manifestações psychicas um caracter humano que lhe dá uma especificidade e assegura a continuidade da especie” (Vermeylen).

Assim, possui a criança todas as possibilidades do adulto sob uma forma propria. Querendo Vermeylen collocar-se em opposição aos psychologos que consideram a criança como um sêr intrinsecamente differente do adulto, attribue a estes a negação na infancia das qualidades especificas da raça. Mas considerar-se a criança com uma maneira de sêr distincta da do adulto não é o mesmo que lhe negar os attributos humanos geraes. E o proprio Vermeylen acaba reconhecendo esse valor proprio da infancia quando admite ao acervo das possibilidades infantis “uma forma propria”. Graças a uma lenta evolução é que a criança perderá a sua physionomia particular, ajustando-se ao quadro social.

A theoria evolutiva não modifica o fundo da concepção anterior, apenas alarga-lhe o horizonte, trazendo a noção de *devenir*, de alta significação para a compreensão dos processos mentaes infantis. E' claro que a criança não poderia permanecer nos limites de suas possibilidades elementares; estas tenderiam necessariamente para o nivel do grupo social a que ella pertence.

O nucleo primario da criança.

A verdade central é que o nucleo primario da criança está em contraposição com o grau de mentalidade do adulto e mais aproximado do esboço primitivo da especie. Onde, talvez, haja exaggero é no parallelismo rigoroso entre a ontogenese e a philogenese, que é a these de Stanley Hall: as etapas de desenvolvimento da criança resumiriam as etapas de desenvolvimento da humanidade.

H. Wallon aproxima essa these da psychanalyse de Freud. "Em todo adulto ha como uma dupla natureza: sua natureza de adulto que regula sua conducta e seus pensamentos segundo o que a sociedade exige d'elle, e sua natureza infantil, que uma censura vigilante reduz ao silencio, mas que subsiste sempre prompta a tomar sua *revanche*. Ora, esta *revanche* é sem duvida a da especie sobre a sociedade, do instincto sobre a ordem moral, mas ella é tambem atravez da criança a do primitivo." "Haveria pois, entre a criança e o primitivo uma especie de comunidade mental, que se traduziria pela identidade de seus mythos, porque é por imagens e não pelo raciocinio que ambos pensam" (Wallon, 3).

As modernas pesquisas sobre o pensamento e as formas de expressão infantis não deixam duvidas acerca dessa identidade entre a criança e o primitivo. Existem nella formas residuaes que resistem a toda influencia de experiencia e de educação — formas residuaes que se conservam na idade adulta por baixo das construcções ethicas e religiosas. Ha como que um traço de communhão ligando indelevelmente todas as etapas — da selvageria á civilização — a affirmar em todas as situações o character especifico da humanidade.

A criança seria, então, a depositaria dessas formas residuaes, sob uma feição mais viva e mais espontanea; o adulto, collocado já num outro plano de vida ethica e social, as reprimiria para o inconsciente, mas ainda assim não perderiam essas formas residuaes a sua função dynamica e fatal.

Egocentrismo e exocentrismo na infancia.

Tomando como ponto de partida o nucleo primitivo da criança e suas constantes modificações por influencia do meio social, orientamos o estudo da infancia segundo as suas manifestações de egocentrismo e exocentrismo — da aggressividade primaria á socialização gradativa.

Quem observa a criança com olhos perquiridores das causas profundas que estimulam e dirigem a sua conducta, necessariamente ha de notar a extraordinaria differença entre os dois grandes momentos de sua vida — o egocentrico e o exocentrico. A principio dominam as attitudes aggressivas que se acham em correspondencia com a necessidade de impôr a sua natureza formada de instinctos primarios — attitudes que são uma como forma de defesa propria. Mas surgem os conflictos com o meio de que ella faz parte. Não é impunemente que a criança é atacada de maneira constante pelas imposições exteriores. O sentimento de dominio que era o seu sentimento de affirmação vital tende a fazer-se substituir por outro — o sentimento de communitade. A criança troca o symbolismo anterior pela realidade fixada pela collectividade. Adherindo a essa realidade ella tem novamente assegurada a sua defesa. Adopta, assim, duas *linhas de vida* differentes, ajustando-se cada uma ás necessidades do momento: a aggressividade seria insustentavel na communitade social. Os caractéres que se definem permanentemente por essa *linha de vida* são inadaptados e rebeldes á ordem social. Dahi começar a aggressividade primitiva a attenuar as suas arestas mais vivas, a aproximar-se das exigencias de toda natureza — moraes, religiosas, etc. Nesta idade a conducta infantil deixa transparecer essa contemporização com o meio. Disciplina-se a actividade da criança

num sentido cada vez mais socializante. Inicia-se, então, a phase exocentrica.

Manifestam-se o egocentrismo e o exocentrismo em epochas perfeitamente distinctas. Nos primeiros tempos todo o psychismo da criança se acha impregnado de egocentrismo, tanto no seu conteúdo como nas suas varias formas de exteriorização: a aggressividade, o syncretismo, a participação, as construcções mythicas, o realismo intellectual, a precausalidade, etc. são manifestações diversas desse egocentrismo absorvente. Mais tarde e gradativamente as influencias socializantes vão reprimindo ou transformando em valores todas essas expressões egocentricas em proveito da communitade. A realidade penetra no psychismo infantil, orientando-o no sentido da despersonalização e da objectividade.

A infancia é objecto de nosso estudo sem perdermos de vista a substantividade de cada phase, isto é, consideramos cada um desses momentos de sua evolução com um significado proprio e irreductivel. Parece-nos esse criterio o que melhor satisfaz ás necessidades de interpretação da criança sem os prejuizos da nossa mentalidade adulta.

OS METHODOS DE INVESTIGAÇÃO DA PSYCHOLOGIA DA INFANCIA

Considerações geraes.

A introspecção é o methodo fundamental da Psychologia. Apezar dos esforços por torná-la uma sciencia objectiva — a interpretação de dados colhidos da conducta externa: reacções physiologicas, reacções reflexas, reacções instinctivas, reacções intelligentes, reacções sociaes, reacções inconscientes, etc. — acaba por adquirir um valor pessoal graças a uma contingencia natural de collocar-se o investigador, por analogia, no ponto de vista alheio, ou de adherir por sympathia á situação do objecto experimentado. E' por isso explicavel que o estudo do psychismo dos sêres que se encontram no nosso nivel mental e social seja mais proximo da realidade do que o daquelles

que se distanciam de nós e se acham fóra das possibilidades da analogia ou da adhesão. Em certo sentido sabemos mais acerca da vida mental do civilizado do que do primitivo, do adulto do que da criança, do homem do que do animal. E' quase inevitavel que o psychologo misture ás suas conclusões sobre a vida do primitivo, da criança e dos animaes a sua experiencia de homem superior ou os seus preconceitos doutrinarios. Foge-lhe a intimidade da vida psychica daquelles sêres que se acham especifica ou geneticamente abaixo da sua condição. Particularmente, no que diz respeito á criança, as conclusões são sempre prejudicadas por uma falsa compreensão da sua posição de instabilidade na escala dos valores humanos. Koffka (4) tem insistido nessa difficuldade da psychologia da criança: "o psychologo das crianças sentirá interesse pelo aspecto genetico e isto o induzirá facilmente a considerar toda manifestação infantil do ponto de vista do adulto, isto é, como pródromo, como passo até uma meta, como imperfeição."

Todo o segredo do estudo da vida infantil está em vêr na criança um sêr qualitativamente distincto de nós. Não implica esse ponto de vista numa concepção de que a criança é um sêr *sui generis* sob todos os aspectos — como é moda entre os educadores chamados modernos. Não se trata de apreciá-la quantitativamente abaixo do adulto, mas numa situação estructuralmente differente pela natureza particular dos seus processos de elaboração mental e por falta dos componentes originarios da experiencia individual e collectiva.

"As difficuldades da investigação psychologica — affirma Gaupp (5) — são relativamente pequenas se o sujeito que se estuda puder informar-nos acerca de seus acontecimentos psychicos por meio de uma linguagem comprehensivel, mas se faltarem os meios de expressão linguistica, como acontece com os animaes e a criança nova, a investigação psychologica tropeçará em obstaculos quase invenciveis e as conclusões assentadas serão sempre duvidosas." A indole psychica desses sêres, revelando-se apenas pela conducta externa, permanece fechada a toda tentativa de incursão da analyse psychologica. Só aproximações e hypotheses de trabalho teem sido construi-

das. Theorias varias são elaboradas com base em methodos engenhosos de investigação, mas as discussões giram mais em torno de formulas do que em torno do conteúdo e do mecanismo mesmo dos processos psychicos. Forçoso é, entretanto, accentuar que se substancialmente a psychologia infantil ainda não se acha esclarecida — o que aliás occorre com a vida psychica em geral — muitos dos seus aspectos já não constituem mysterio. Para isto teem concorrido os dados obtidos por meio de methodos experimentaes estudados por um criterio de rigorosa interpretação psychologica.

Se por um lado a experimentação, promovendo oppportunidades e situações identicas, fornece uma massa de informações e documentos apreciaveis, por outro não é para desdenhar o contingente que a simples observação tem trazido como auxiliar e reforço dos dados experimentaes. E' a opinião de um psychologo da estatura de Karl Bühler — talvez o mais esclarecido conhecedor da psychologia da criança. “Seria prejuizo suppôr que dentro do campo espirital a experimentação fosse o unico meio a conduzir a resultados verdadeiramente exactos.” “A biologia antiga logrou importantes resultados, sem necessidade de experimentação; recorde-se somente Darwin que conseguiu as suas mais notaveis observações sem empregar tal processo” (6).

No estudo da vida mental da criança predominou durante muito tempo o methodo de observação, occasional ou systematica, das suas manifestações psychicas atravez das idades. Entretanto por mais abundantes que fossem esses dados, faltava-lhes um character scientifico — o que foi afinal conseguido com a adopção dos methodos das sciencias naturaes. Os resultados da observação passaram a ser controlados e comprovados pela technica experimental. Mas de modo algum poderá dispensar o interpretador do psychismo infantil os elementos que a observação poderá fornecer, por serem sempre um producto da espontaneidade.

Esse nosso ponto de vista, muitas vezes adoptado no decurso do nosso estudo, é reforçado pela seguinte phrase de Bühler: “o methodo de observações casuaes tem a vantagem

de offerecer abundante caudal de factos; este systema correspondia completamente ao que faltava de inicio e continuará sendo indispensavel em toda occasião em que se trate de reunir dados facilmente perceptíveis no começo dos estudos parciaes sobre novas questões, quando se procura primeiramente uma impressão de conjuncto" (7). Assim, da observação cuidadosamente feita e da applicação de methodos experimentaes que não modifiquem o character de espontaneidade da criança, chegaremos por uma intelligente interpretação psychologica a obter as conclusões mais aproximadas da realidade da vida psychica da criança.

Podemos classificar os methodos empregados na psychologia da criança em tres categorias: os methodos de observação, de interpretação psychologica e os experimentaes.

Os methodos de observação: as observações occasionaes.

As observações empiricas, sem obedecerem a nenhum systema, a nenhum proposito theorico, constituem — podemos affirmar — o grande lastro de conhecimentos, sobre o qual assentam os dados scientificamente colhidos e o ponto de partida de toda construcção doutrinaria. E' claro que por si sós as observações puramente empiricas não nos levam ás soluções definitivas ou mesmo aproximadas se os seus resultados não forem controlados por outros methodos de maior rigor scientifico. Mas igualmente é verdade que as technicas experimentaes não passarão de um simples malabarismo se não corresponderem a uma aguda analyse e interpretação do investigador que as manejar.

Ernest Jones já havia fixado um typo curioso de psychologo que procura encobrir a sua incapacidade atraz da technica empregada: "quanto menos commum o methodo tanto mais este o attrae por lhe dar uma impressão de possuir uma chave accessivel apenas aos eleitos" (E. Jones, 8).

Incluimos entre os methodos de observação empirica: as observações occasionaes, as informações prestadas pelas mães, os diarios da vida infantil e as memorias de pessôas adultas.

a propria *censura* que inconscientemente se exerce sobre as lembranças de character affectivo-sexual: esses complexos manifestam-se symbolicamente na conducta individual, exigindo por isso uma delicada interpretação psychanalytica. Innumeros factos chegam-nos na idade adulta, vagos e imprecisos, e não raro deformados por processos mnesicos inevitaveis. Alem desses factores, devemos fazer menção ao temperamento dos memorialistas. As memorias constituem um genero literario e como tal, sujeitas ás contingencias decorrentes da maior ou menor probidade de quem as escreve. Transparecem dessas memorias vidas infantis que são verdadeiras construcções phantasistas. As memorias de Rousseau, de Goethe, de Tolstoi, de Renan, etc., apesar de nos revelarem crianças de um outro plano, contem entretanto um material que merece attenção dos psychologos. Para Schrecker as memorias teem sempre uma grande importancia, mesmo as falsas. Em todos os casos ellas nos dizem muito acerca da psychologia de seus autores: o que importa é a funcção das lembranças. Dentro da concepção de Adler, ellas valem como meio de assegurar o proprio dominio e de disfarçar certas inferioridades (14).

O METHODO DE INTERPRETAÇÃO PSYCHOLOGICA

Bühler seguindo a trilha dos processos utilizados por Wundt em sua *Psychologia dos Povos*, admite a interpretação psychologica como um methodo que aclara e explica "*as chamadas formas espirituaes objectivas*". Applicado o methodo de interpretação psychologica ao estudo da vida mental da criança, surpreendentes resultados poderá colher a psychologia da infancia. Este methodo talvez seja o de maior alcance no estudo da criança. O nosso ponto de vista é reforçado pela opinião de Bühler: "a interpretação é indirecta e isto é o essencial na psychologia infantil, visto como as crianças não podem fazer nenhuma auto-observação" (15). Os resultados a que nos levam as technicas experimentaes permanecerão uma cousa morta se concomitantemente não os associarmos aos dados da interpretação psychologica.

Á semelhança do que ocorre com a moderna sociologia, precisamos utilizar na psychologia da criança aquelles elemen-

tos tidos em geral como insignificantes, mas na realidade são "*formas espirituas objectivas*", conforme a denominação de Bühler. A valorização desses elementos como instrumentos de trabalho ainda ha de contribuir para o esclarecimento de muitos aspectos obscuros do psychismo infantil. Como são um producto espontaneo da actividade das crianças, taes formas objectivas se prestam a um processo de comparação e de compreensão total, em contraposição aos demais methods empregados pela psychologia, os quaes nos impellem a uma visão parcial dos factos.

No estudo da linguagem, do brinquêdo, da invenção e da logica infantis adoptamos o methodo de interpretação psychologica. As narrações, as historias maravilhosas, de bichos, de fadas e de aventuras, o material e o instrumental dos brinquedos, os jogos dominantes nos pateos de recreio, os desenhos de paredes, as expressões estereotypadas, os mythos populares, as assombrações e superstições, a tradição domestica e escolar — todos esses residuos espirituas constituem um material de primeira mão para quem pretende estudar a criança.

Podemos dizer que essas fontes se acham quase intactas. Mas se ha na vida humana nota essencialmente caracteristica, de certo é a que as crianças imprimem com o seu vivo colorido. Atravez daquellas expressões de cultura, em todos os aspectos da conducta infantil — no lar, nos quintaes, na rua, nas classes, nos pateos de recreio — poderão ser colhidos os mais abundantes e originaes elementos de caracterização da infancia.

OS METHODS EXPERIMENTAES

Os methods experimentaes consistem em collocar a criança em situações de reagir a estímulos bem definidos. De certo tempo a esta parte são esses os methods dominantes no estudo do psychismo da criança. Sobre a simples observação teem os methods experimentaes a vantagem de promover a repetição no mesmo individuo ou num grande numero de individuos dos factos que são objecto de investigação; mas por outro lado a observação offerece uma probabilidade

de resultados mais satisfactorios visto como é realizada em condições naturaes. Para que a experimentação produza os effectos desejados é preciso que se aproxime tanto quanto possivel da espontaneidade da observação. As situações creadas devem perder seu character de artificio afim de que a criança permaneça em suas condições naturaes de conducta. "O que hoje nos interessa continuamente no estudo da criança não são suas reacções a situações especificamente experimentaes, mas sua conducta total nas situações da vida que poderão modificar-se com grandes precauções por parte do experimentador" (Bühler, 16).

Antes do apparecimento da linguagem costuma-se applicar á criança os methodos da psychologia animal, isto é, os de escolha, de adestramento e de aquisição de habitos. Procura-se, então, apurar o que em determinadas situações rende a criança em face de estímulos definidos. As investigações de Watson, de Thorndike e dos behavioristas em geral são realizadas neste sentido. Com o desenvolvimento da linguagem e os progressos do raciocinio, a experimentação se tornará mais complexa, attendendo sempre para que seja satisfactoria ás possibilidades de compreensão e de interesse da criança.

Os testes e a psychologia profunda.

O methodo dos testes tem uma applicação opportuna nesta phase da infancia — são provas que visam a determinação de certos aspectos mentaes da criança mediante estímulos que se apresentam sempre nas mesmas condições. Para que essas provas dêem os resultados desejados é preciso "que o objecto da experimentação esteja no mesmo logar em que actua a natureza, exigindo que o processo espirital a apurar se encontre dentro do campo normal de desenvolvimento, isto é, que as difficuldades a vencer sejam apresentadas na mesma forma por que se apresentam normalmente no brinquedo, visto como é nelle que se concentra o interesse infantil" (Bühler, 17).

Em 1890, nos Estados Unidos, Catell empregou pela primeira vez o *mental test*, como meio de investigação das actividades psychicas. Depois desses ensaios, Alfred Binet, na França, começou a fazer uso deste methodo de pesquisa, concebendo a *escala metrica da intelligencia* que teve universal applicação. Terman, Bobertag, Burt, Goddard, Jaederholm, Stern, Karstädt, Lipmann, Descoendres, Moede, Piorkowski, etc., adaptaram essa escala a crianças de paizes differentes, com uma real utilidade para determinação em grosso da intelligencia dos escolares (*).

Os testes teem sido utilizados como instrumentos de pesquisa geral: "uns permitem determinar os conhecimentos adquiridos, que, como é sabido, dependem menos da capacidade mental do que da influencia accidental do meio — por isso se dividem em testes de desenvolvimento, de capacidade e de meio ambiente; outros se dirigem antes á exploração da imaginação do que á acuidade da intelligencia; outros visam determinar a capacidade verbal ou os dotes da palavra que de modo algum se podem considerar como medida pura da compreensão, como a definição de conceitos, etc." (R. Gaupp, 18).

Partindo da concepção de que a personalidade não é um mosaico de funções mentaes, Stern affirma categoricamente que todos os esforços para representar a imagem do homem por resultados de testes parciaes são falsos de principio. Em logar dos testes superficiaes, aconselha a determinação das qualidades individuaes por meio de provas que interessem á personalidade total, em profundidade. Mas vejamos o trecho em que Stern critica os methodos communs de investigação psychologica:

"E' claro que o resultado de um teste experimental só nos informa immediatamente sobre a camada superficial. Porque numa prova deste genero o homem reage a uma excitação externa (o problema) por uma acção dirigida para fóra e que pode ser conhecida por outrem. O facto que uma experiencia não põe em jogo senão o homem reagente —

(*) O Instituto de Psychologia de Pernambuco, dirigido então pelo prof. Ulysses Pernambucano, adaptou ás crianças do Recife a escala de Binet-Simon-Terman.

ou melhor o *lado reaccional do homem*, tinha já conduzido desde muito tempo a procurar como complemento da experiencia um methodo que se aproximasse mais das acções e das conductas espontaneas. (Stern, 19).

O que os methodos communs revelam são as qualidades exteriores mediante estímulos artificiaes que jamais substituem as situações reaes de vida. Dahi affirmar Stern que é preciso penetrar profundamente na infra-estructura, no mecanismo das impulsões sub-conscientes e inconscientes por meio de uma analyse da personalidade total.

Igualmente orientada para a interpretação das raizes profundas do psychismo, o methodo da psychanalyse vae sendo generalizado universalmente. Por meio das associações livres, dos actos fallhados e dos sonhos, a psychanalyse chega aos baixos do inconsciente individual, revelando as disposições e os complexos que são as forças dynamicas da conducta humana. Por se achar assentada no instincto sexual — que para Freud é o nucleo central da personalidade — a psychanalyse tem tido serios objectores, entre os quaes salientamos Stern e Vaissière. Diz este ultimo autor que “se a psychanalyse se desembaraçasse das preocupações sexuaes poderia ser um methodo util nas mãos de observadores habeis” (Vaissière, 20). Reconhecendo os serviços que a psychanalyse tem prestado ao estudo do mecanismo inconsciente, considera-a, entretanto, Vaissière, sob varias relações, de consequencias perigosas no dominio da educação.

Parece-nos que toda controversia em torno da escola de Freud decorre de uma falsa compreensão do significado da sexualidade infantil e da sua importancia no desenvolvimento da individualidade. De facto, considerar a sexualidade como componente exclusivo das construcções mais altas do espirito humano parece-nos elevá-la por uma excessiva generalização a um primado que aberraria da propria realidade dos factos. Admittindo a sexualidade desde os primeiros annos da vida infantil A. Moll e Spranger fazem restricções á supposta base sexual de todas as manifestações do espiritual. Esta concepção corresponde, talvez, á verdade.

O methodo dos inqueritos.

Methodo de pesquisa tão generalizado quanto o dos testes é o methodo dos inqueritos. Usado a principio por Stanley Hall e pela *Sociedade para o estudo psychologico da criança*, de Paris, o methodo dos inqueritos tem-nos dado conclusões interessantes sobre o medo (Binet), a mentira (Duprat), a colera (Malapert), etc. (21). Os inqueritos podem fornecer elementos de grande importancia toda vez que se procura conhecer por meios estatisticos a media de certas particularidades do psychismo infantil, em relação á idade, ao sexo, á escolaridade, ao meio social, etc. As questões devem ser formuladas evitando-se por todos os meios suggestionar-se a criança. Se a maneira de interrogar é cheia de tropeços, não menos difficil é a interpretação das respostas dadas. Não devemos confiar no valor de muitas das respostas infantis. E' preciso conhecer bem como a criança reage ás situações em que se encontra para conseguir-se uma interpretação do seu pensamento.

Para Piaget, as respostas dadas a inqueritos podem ser classificadas em cinco typos (22). Em primeiro lugar encontram-se as respostas á perguntas que enfadam ou aborrecem a criança, ou a perguntas que não provocam nenhum trabalho de adaptação. Como raramente a criança silencia, a resposta é dada apenas para desembaraçar-se o mais depressa possivel da pergunta. Assim, ella responde não importa o que, ao acaso.

O segundo typo de resposta é o da fabulação. Esta se dá quando a criança, respondendo á questão, inventa o em que não crê ou o em que vem a crer pela simples sequencia verbal. Inventando as suas respostas, a criança apresenta tres formas principaes de fabulação: óra apparentando serieidade, procura zombar do interrogador, óra revela com suas respostas phantasistas um de seus processos mythicos de pensamento, óra, afinal, inventa fazendo transparecer vestigios de crenças. O terceiro typo é uma das formas de reacção mais communs em certa idade. A criança esforça-se por dar

uma resposta no sentido de uma directriz suggerida pela propria pergunta, ou ainda, sem reflectir, dá uma resposta que julga contentar o examinador. Muitas vezes pela physionomia, pela attitude, pela entonação da voz, etc. do interrogador, descobre a criança a resposta que lhe parece agradar melhor. Encontramos o quarto typo quando a criança em face de questões desconhecidas, reflecte com elementos da propria questão e suas respostas offerecem uma feição que não é propriamente espontanea nem suggerida :a maneira por que foi feita a-questão impelle a criança a tomar uma certa direcção. De todas as variedades o quinto typo é o mais raro. As respostas em certos casos são dadas sem necessidade de raciocinio, visto possuir sobre a questão um ponto de vista proprio e original. Algumas respostas que nos dão as crianças, surpreendendo pela sua promptidão, correspondem a formulas elaboradas de antemão.

Como vemos a interpretação das respostas das crianças requer mais experiencia e treinamento do que mesmo conhecimento theorico da sua psychologia. Apesar das modernas technicas experimentaes e do grande esforço desenvolvido desde o começo do seculo pelos psychologos no sentido de uma interpretação completa da psychologia da criança, os estudos ainda se apresentam como explicações parciaes, distantes de uma systematização completa.

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- 1 — Edwin A. Kirkpatrick — Fundamentals child study — New-York.
- 2 — G. Vermeulen — Psychologie de l'enfant et de l'adolescent — 1926, Bruxelles.
- 3 — H. Wallon — La mentalité primitive et celle de l'enfant — Rev. Phil., ns. 7 e 8, 1928, Paris.
- 4, 10 e 12 — K. Koffka — Bases de la evolucion psíquica — (trad.) 1926, Madrid.
- 5, 11 e 18 — R. Gaupp — Psicologia del niño — (trad.) 1930. Barcelona.
- 6, 7, 13, 15, 16 e 17 — Karl Bühler — El Desarrollo espiritual del niño — (trad.) 1934. Madrid.
- 8 — E. Jones — Psicanalise da religião cristã — (trad.) 1934. Rio.

- 9 — Ed. Claparède — Psychologie de l'enfant et Pedagogie experimental — 1926. Genève.
- 14 — Schrecker — Apud Ed. Claparède, in Psychologie de l'enfant.
- 19 — W. Stern — Psychologie de la Personnalité et la methode de test — J. de Psych. n.º 1, 1928. Paris.
- 20 — J. Vassière — La seule pedagogie profonde est-elle psychanalytique? — Questions actuelles de Pedagogie — 1931. Belgique.
- 21 — A. Binet — La peur chez les enfants — An. Psych. t. II, 1895.
- 21 — L. Duprat — Le Mensonge — 1903. Paris.
- 21 — P. Malapert — Enquête sur le sentiment de la colere chez les enfants — An. Psych. t. IX. 1902. Paris.
- 22 — J. Plaget — La Representation du monde chez l'enfant — 1926. Paris.
- 23 — Heinz Werner — Psicologia evolutiva — trad. — Barcelona, 1936.
- 24 — Domingos Barnés — Paidologia; parte general — Madrid.

RESUMO

1 — A psychologia da criança foi a principio objecto de especulação philosophica; mais tarde, com a adopção dos methodos das sciencias naturaes é que se constituiu um corpo de conhecimentos scientificos.

2 — A criança possui caracteres especificos e uma physionomia propria, distincta da do adulto actual e proxima da do primitivo.

3 — Entre todos os animaes o homem é o que tem uma infancia mais larga; ha uma correspondencia entre a duração da infancia numa especie e as suas possibilidades de desenvolvimento e de adaptação.

4 — A velha pedagogia era impregnada da concepção de que a criança possuia qualitativamente os mesmos caracteres do adulto, havendo a considerar apenas uma differença em grau, conforme as idades.

5 — Sob a influencia de Rousseau, os mestres passaram a considerar a criança como um sêr psychico *sui generis*: dessa concepção decorreu toda a renovação pedagogica de nossos dias.

6 — Para a theoria evolutiva a criança é um sêr em *devenir*, isto é, em marcha para a maturidade do adulto; desde o inicio da vida a criança revela um caracter humano especifico.

7 — Existem na criança formas residuaes que resistem a toda influencia de experiencia e de educação — formas que se conservam na idade adulta por baixo das construcções ethicas e religiosas.

8 — A principio dominam na criança as attitudes aggressivas que se acham em correspondencia com a necessidade de impor

a sua natureza formada de instinctos primarios; mais tarde, por influencia do meio essas attitudes são substituidas por outras que se ajustam á comunidade.

9 — Se por um lado a experimentação, promovendo oppor-tunidades e situações identicas, fornece-nos uma massa de informa-ções e documentos apreciaveis sobre a criança, por outro, não é para desdenhar o contingente que a simples observação tem trazido como auxiliar e reforço dos dados experimentaes.

10 — Podemos classificar os methodos empregados na psychologia da infancia em tres categorias: os methodos de observação, de interpretação psychologica e os experimentaes.

11 — As observações occasionaes consistem em considerar as crianças na vida de todos os dias, em estado livre, sem que sus-peitem que são objecto de estudo; as mães em virtude de sua assistencia constante junto aos filhos, poderão prestar grande auxilio á psychologia infantil, informando sobre certas particularidades da criança; os diarios da vida infantil, feitos por paes devidamente instruidos constituem outra fonte de informações acerca do desen-volvimento da criança; de menor importancia são as memorias escriptas por adultos — as auto-biographias, visto como se acham dependentes da probidade intellectual de seus autores.

12 — Á semelhança do que ocorre com a moderna sociologia, precisamos utilizar na psychologia da criança aquelles elementos tidos em geral como insignificantes, mas na realidade são *formas espirituaes objectivas*, conforme a denominação de Bühler, mesmo porque representam o producto da actividade espontanea das crianças.

13 — Nos methodos experimentaes a criança é collocada em situação que lhe permitta reagir a certos estímulos bem definidos, sem perder de vista que essas situações creadas não venham a prejudicar o caracter de espontaneidade da criança.

14 — Os testes são provas que visam a determinação de certos aspectos mentaes da criança, mediante estímulos (problemas, ordens, tarefas, etc.) que se apresentam sempre nas mesmas condições para todos os individuos experimentados. Stern partindo da concepção personalistica, oppõe grandes restricções aos resulta-dos dos testes.

15 — Os inqueritos podem fornecer elementos de grande im-portancia toda vez que se procura conhecer por meios estatísticos a media de certa particularidade do psychismo infantil, em rela-ção á idade, ao sexo, á escolaridade, ao meio social, etc. O inves-tigador deve evitar as questões que suggestionem as crianças.

VOCABULARIO

- Analyse** — Decomposição de um todo em suas partes, quer materialmente, quer idealmente; opposto á synthese.
- Disciplina** — Conjunto de normas estabelecidas por uma commuidade.
- Egocentrismo** — Tendencia existente na criança das primeiras idades, que consiste em adaptar todas as cousas ao seu proprio eu.
- Empirismo** — Theoria que se funda em dados da experiencia; oppõe-se a racionalismo nativista.
- Especulação** — Investigação que não se apoia em dados sensíveis.
- Estimulo** — Toda situação que tende a provocar uma reacção do individuo.
- Evolucionismo** — Doutrina de Lamarck, Darwin, etc., que se funda na idéa de transformação.
- Exocentrismo** — Tendencia a sair do proprio eu, a despersonalizar-se em proveito da commuidade social.
- Individualismo** — Doutrina que attribue ao individuo um valor intrinseco superior á sociedade; nesta o individuo encontraria os meios ou as oportunidades de affirmação.
- Mentalidade** — Disposições intellectuaes, habitos de espirito, conjuncto de conceitos e de crenças que distinguem um individuo ou um grupo de individuos.
- Observação** — Apreciação de factos como naturalmente se apresentam.
- Ontogenese** — Processo evolutivo da raça, da humanidade.
- Philogenese** — Processo evolutivo do individuo.
- Primitivo** — Homem em sua condição de vida rudimentar, em baixo nivel de civilização.
- Psychanalyse** — Theoria concebida por Freud, segundo a qual se pretende estudar o psychismo humano por vias que vão ao inconsciente — nucleo profundo da personalidade.
- Psychismo** — Apparelo que permite o animal reagir segundo as necessidades de adaptação ao meio.
- Psychologia** — Etymologicamente é a sciencia que estuda a alma; objectivamente é a sciencia que estuda o comportamento do animal.
- Reacção** — Acto em resposta a um estimulo interior ou exterior.
- Rendimento** — Capacidade de produção do individuo por effeito de qualidades pessoasas ou por influencia da educação e do meio.
- Teste** — Palavra de origem ingleza — test — que significa prova ou medida realizada sob certas condições invariaveis.